

DOI:

OS SONHOS DE FRANCISCO NA INSTITUIÇÃO ESTÁVEL

FRANCISCO'S DREAMS AT THE STABLE INSTITUTION

João Décio Passos*

Síntese: A reflexão acolhe a interrogação sobre os rumos das reformas da Igreja assumidas como programática pelo Papa Francisco. Localiza os propósitos e os projetos de reforma no âmbito de um regime católico por si mesmo resistente às mudanças, bem como em um campo de forças que coloca em posições antagônicas, os conservadores tradicionalistas e os reformadores. O Sínodo sobre a sinodalidade expressa em grande medida este paradoxo. Embora o Sínodo deixe em aberto o que antes estava bloqueado, reproduz a dificuldade de mudanças estruturais na Igreja. Contudo, as sementes reformadoras lançadas por Francisco permanecerão como possibilidades de transformação da Igreja e da sociedade, pela pertinência evangélica e pela relevância perante as crises internas e externas à Igreja.

Palavras-chave: Igreja; Papa Francisco; Reformas; Tradicionalismo; Vaticano II.

Abstract: The reflection welcomes the question about the direction of the Church reforms assumed as programmatic by Pope Francis. It locates the purposes and reform projects within the scope of a Catholic regime that is itself resistant to change, as well as in a field of forces that places traditionalist conservatives and reformers in antagonistic positions. The Synod on synodality largely expresses this paradox. Although the Synod leaves open what was previously blocked, it reproduces the difficulty of structural changes in the Church. However, the reforming seeds sown by Francis will remain possibilities for transforming the Church and society, due to their evangelical pertinence and relevance in the face of internal and external crises within the Church.

Keywords: Church; Pope Francis; Reforms; Traditionalism; Vatican II.

* Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP; Livre docente em teologia e professor do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião da mesma universidade. <http://orcid.org/0000-0003-4390-0423>. E-mail: jdpassos@puccsp.br

Introdução

A pergunta cada vez mais frequente sobre onde estamos e para onde iremos com as reformas anunciadas e empreitadas pelo Papa Francisco em mais de uma década de pontificado deve provocar reflexões entre os que acompanham de perto este percurso de agora em diante e, de forma mais aguda, após a conclusão das Sessões sinodais sobre sinodalidade na Igreja (2023-2024). A Igreja povo de Deus, definida pelo Vaticano II, é assumida como teologia e como práxis por Francisco. Não é outro princípio eclesiológico que orientou o processo sinodal (*Documento final*, n. 15-31). Francisco encarnou em sua pessoa, em seus gestos e ensinamentos o espírito e as estratégias de reformar a Igreja, assim como posturas inéditas e radicais de reforma da vida planetária e da convivência humana em seu magistério social. Independente dos resultados efetivos de seus projetos, o tempo da reforma necessária e, portanto, legítima da Igreja está inaugurado e será uma boa ou má notícia para seus sucessores. As crises que provocaram os propósitos e projetos reformadores persistem e solicitam mudanças de rota da humanidade e da Igreja. O processo sinodal significou um momento de colegialidade que recepcionou o magistério reformador de Francisco para o conjunto da Igreja, embora tenha mostrado e confirmado as dificuldades de reformas estruturais. De toda forma, a rota reformadora da Igreja está desencadeada pelo processo sinodal e irá além do pontificado franciscano. O vínculo entre “reforma inadiável” e “coração do Evangelho” garante a legitimidade e o método para os que continuarem clamando por mudanças, após Francisco. O magistério papal é normativo e supremo, conforme o regime de verdade católico e por meio dele a profecia da mudança está colocada como eixo e como antídoto de todas as cristalizações que apagam o vigor renovador do Evangelho. A volta às fontes continua como regra para a atualização da Igreja, de forma que o mais fundamental (as origens) se encontra com o mais urgente (os desafios atuais).

O processo sinodal conduziu as reformas para dentro do *modus vivendi* e do *modus operandi* católicos, colocando o conjunto da Igreja em ponto de inflexão sobre sua imagem e seus hábitos. Nesse contexto, a pergunta sobre os significados de as possibilidades de mudança adquire especial relevância. O *Documento final* deixa clara esta perspectiva de mudança quando discorre sobre conversão das relações (Parte I), conversão dos processos (Parte III) e conversão dos vínculos (Parte IV).

É sobre essa questão que será focada a presente reflexão. Em nome de uma esperança realista vale recordar que todas as reformas são feitas em um processo gradual, jamais de forma geral e irrestrita, sobretudo em uma tradição e instituição milenares como a Igreja Católica. As mudanças estruturais são as mais resistentes e pressupõem mudanças políticas – na esfera dos consensos – e, antes, nas esferas dos valores e das ideias (Castells, 2015, p. 352-357). Neste processo e dentro de um regime cristalizado e resistente às mudanças Francisco semeou o germe da renovação; expôs de forma transparente a crise e os ideais de solução e, por conseguinte, estimulou os entusiastas da renovação e desestabilizou os defensores da estabilidade. Se pouco mudar na estrutura sacralizada da Igreja, as reformas estão lançadas como necessidade e tarefa para a Igreja de hoje e de amanhã.

1. O sonho e a resistência

Ao apresentar suas intencionalidades reformadoras na Exortação programática *Evangelii Gaudium*, o novo Papa assim se expressava:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação (27).

O pequeno trecho continha o que viriam ser a conjuntura, a dinâmica e o clima do pontificado: a luta permanente entre *mudança* e *autopreservação*. Nas categorias eclesiológicas estruturantes do pensamento franciscano: a luta entre uma *Igreja em saída* e uma *Igreja autorreferenciada*. O que o Cardeal Bergoglio havia constatado durante as Congregações que preparavam o Conclave como causa das crises pelas quais passava a Igreja (a autorreferencialidade), recebeu, então, de Francisco o antídoto imediato: a Igreja em saída. Trata-se de duas eclesiologias que expressam dois projetos eclesiais que se confrontaram permanentemente de forma direta e explícita ou de forma oculta, porém ativa, no percurso de seu pontificado. O campo de forças eclesiais e políticas entre renovação e preservação ficou instaurado e foi revelando seus sujeitos, a cada gesto e ensinamento de Francisco.

O fato é que em mais de dez anos de atuação no ministério petri-no, o Papa do fim do mundo não recuou em seus propósitos originais, para alguns, eivado de heresias, para outros, chegando com atraso e,

para muitos, demagogias com resultados muito aquém do prometido. Se Francisco não descansou até o momento e surpreende a cada dia com declarações, posturas, gestos e ensinamentos renovadores, de outra parte seus opositores tomaram forma mais militante e mais ousada, chegando, muitos deles, a acusá-lo de herege e a solicitarem sua renúncia. Também é fato que devemos localizar duas grandes maiorias: a simpatia de sujeitos de fora da Igreja (de não católicos, de membros de outras confissões, de intelectuais agnósticos e, até mesmo de ateus) e a indiferença gigantesca de clérigos e do próprio episcopado. Enquanto os simpáticos declaram abertamente o entusiasmo com as reformas, os indiferentes se escondem sob o manto da fidelidade papal e neste lugar oculto constroem frentes de oposição às reformas. Trata-se, assim, da clássica questão da recepção: quem são os que acolhem, de fato, os propósitos e os ensinamentos de Francisco? A transformação da Igreja interessa mais aos que estão de fora do que aos que estão dentro, aos que se encontram na base da pirâmide eclesial do que os que estão no topo. A postura de resistência às mudanças foi se mostrando cada vez mais estrutural, para além dos discursos e das boas vontades dos sujeitos eclesiais.

A autopreservação é afirmada de múltiplas formas e por diferentes estratégias/grupos. Trata-se de um consenso que agrega sujeitos/grupos/frentes de denominações, organizações e distintas posições no corpo eclesial e, muitas vezes, até mesmo de sujeitos externos. Entre a adesão entusiasta de muitos e o silêncio da maioria, o barulho da oposição se destaca e, por certo, soma-se aos temerosos preservadores da estabilidade. Ironicamente, as reações frontais às reformas de Francisco tiveram sua fonte precisamente nos segmentos que sempre adotaram a regra da fidelidade ao Papa como um dogma intocável, postura integrante da preservação da tradição católica. Estes têm adotado uma postura distinta dos que se negaram a aderir às reformas conciliares, como vigilantes permanentes da verdade que atuam desqualificando o Papa como ignorante em teologia, rendido aos costumes modernos, traidor da tradição e encantado com as novidades reformadoras. São os herdeiros diretos e recrudescidos da hermenêutica revisora do *aggiornamento* conciliar, que ganharam força e se aglutinaram desde a década de setenta, como já havia constatado João B. Libanio (1983). Compõem o segmento dos tradicionalistas assimilados pelo sistema católico que atuam a partir de dentro por meio de prelados defensores dos magistérios dos dois Papas anteriores. Nos embates públicos com Francisco explicitam

regularmente o confronto entre a verdade autêntica destes magistérios e os equívocos de Francisco. A arrogância de serem os representantes de um regime de verdade único e definitivo os define como grupo que conta, ora com estratégias explícitas, ora com apoios dissolvidos dentro do corpo eclesial.

Parece não haver dúvidas de que se trata de uma frente de oposição gestada, organizada e empoderada nestes dois pontificados e que se autocompreende a partir deles. Há que dar a eles uma razão de natureza lógica: O Papa Francisco pensa e ensina a partir de uma outra referência eclesial que se vincula diretamente às renovações conciliares. Para o Papa filho da era conciliar e plasmado em seu ministério e personalidade no contexto latino-americano, a renovação conciliar é um dado a ser praticado e aprofundado na reflexão e na prática, enquanto para os revisores da hermenêutica conciliar, o caminho da restauração é sinônimo da autêntica verdade da Igreja. Ainda que seja possível localizar com nome e endereço estes sujeitos opostos, eles se inserem, portanto, em uma conjuntura eclesial que luta pelo sentido das renovações conciliares, como bem expressou Massimo Faggioli (2013).

Apesar da rejeição intransigente das renovações conciliares por parte do *Coetus internationalis patrum*, mais tarde Fraternidade São Pio X, Paulo VI não contou com uma intransigência interna tão frontal e ativa durante seu pontificado; a fidelidade papal se fez valer de forma mais real, ficando os opositores separados como cismáticos e, evidentemente, atuando a partir de fora. Francisco tem enfrentado permanentemente oposições da parte de prelados do alto escalão sem qualquer etiqueta política e, sobretudo, sem escrúpulos de ruptura com a comunhão eclesial e a fidelidade papal. Francisco se encontra entre opositores e, até mesmo, inimigos que se agregam e agem a partir de uma resistência emocional que já foi bem designada como *franciscofobia* (Chiron, 2020).

2. O sonho reformador na cultura da estabilidade

Dentro de um contexto de crise que coloca em dúvida a eficácia dos modelos e dinâmicas usuais de uma instituição, a antecipação do futuro se mostra como uma das saídas possíveis e, em muitos casos, inevitáveis. A crise pode ser entendida precisamente como o intervalo entre um passado que mostrou sua falência e um futuro que ainda não chegou. O papel do líder reformador é antecipar o futuro, apresentar

as possibilidades de renovação do velho a partir de novas referências. O marco da utopia move e desenha os projetos reformadores. Os reformadores sonham com realidades diferentes daquela que se encontra em crise; convoca os membros do grupo que representa para seus propósitos e seus projetos. O sonho da Igreja toda missionária que se coloca em saída para as periferias e se refaz a partir do coração do evangelho animou e conduziu Francisco, desde que chegou ao trono de Pedro. O nome adotado não foi uma devoção ou uma metáfora da renovação; foi, sim, uma programática que colocou caminhos, metas e estratégias para o pontificado. A figura de Francisco de Assis deu materialidade aos sonhos reformadores, aliás revelados muito além de uma reforma moral e disciplinar da Igreja, conforme parecia crerem os seus eleitores. O Santo de Assis forneceu os mapas de três direções que foram se tornando cada vez concretas: a perspectiva ecológica, a opção pelos pobres e o diálogo inter-religioso. A *imitatio* franciscana foi fundando e norteando as posturas, os projetos e ensinamentos do Papa nestas três direções. Os sonhos da fraternidade cósmica, da fraternidade social e política e da paz entre as religiões, foram ganhando corpo robusto por meio de gestos que se traduzem em falas e de falas que se traduzem em magistério.

A função profética foi encarnada pelo líder investido de função tradicional. Na tipologia sugerida por Pierre Bourdieu, Francisco é um sacerdote (função de preservar) que se torna profeta (função de renovar). Embora carregue paradoxalmente as duas funções, na condição de Papa e de reformador, Francisco vivencia inevitavelmente a luta entre as duas no mesmo campo religioso (2003, p. 58-61). Na medida em que se afirma como reformador opera com a verdade utópica de uma nova Igreja, enquanto aos preservadores (especialistas da conservação) restam a vigilância e a militância contra a força disruptiva da renovação. Enquanto a Igreja mais perfeita é alçada por Francisco, os representantes da preservação pautam-se pelo medo do novo e buscam os meios de evitá-lo. “Mudança gera medo, não alegria; o paraíso para eles se caracterizaria mais como mundo imutável do que como mundo perfeito” (Oakeshott, 2020, p. 125). O conforto da estabilidade dispensa todos os sonhos de renovação como desnecessários e perigosos.

Os profetas são rejeitados pelos sacerdotes como perigosos para a ordem e a estabilidade da instituição. “Jerusalém, Jerusalém que matas os profetas...” (Mt 23,37). Por esta razão, somente uma grande crise pode

suportar um líder profético como legítimo dentro de uma instituição. A ligação necessária e inevitável *crise-líder-renovação-preservação* expressa a urgência das reformas e dos reformadores (profetas). Não se trata, assim, de adotar a renovação como regra, mas como estratégia inevitável para a continuidade da tradição/instituição. Reformar para preservar. Nesta lógica, não cabe em uma instituição como a Igreja Católica o princípio da reforma permanente da Igreja como reafirma Francisco, mas apenas um tempo de reformas indispensáveis que salvem a instituição da dissolução final e que, logo em seguida, ceda lugar à rotina da estabilidade e à conservação da ordem que sempre existiu e deverá existir para sempre. A persistência de Francisco em seus projetos de reforma geral da Igreja trai o princípio da preservação da ordem eclesial imutável e tende a gerar opositores cada vez mais obstinados. Para o contexto eclesial que o gerou – a grande crise – bastava uma reforma emergencial dos costumes e dos sujeitos desvirtuados.

3. O papel conservador das instituições religiosas

Vale recordar que as doutrinas, as tradições, as normas e os ordenamentos organizacionais das instituições são formulados com a finalidade de garantir sua ordem e seu funcionamento regulares; são cristalizações históricas (resultadas de camadas históricas sedimentadas), conceituais (elaboradas com regras lógicas), normativas (com a finalidade de ser aderida e reproduzida pelos membros) e organizacionais (papéis, regras, estruturas, e funcionamentos estabelecidos) que têm a função de resistir aos desgastes do tempo e às pressões dos contextos presentes que podem dispersar ou dissolver os consensos elaborados pelo grupo. As instituições são construídas como conjunto de regras objetivas que resistem às mudanças, ao menos às mudanças contínuas, em nome da eficácia e da verdade que as fundamentam. Os estatutos ou os fundamentos doutrinários são narrativas da estabilidade e, tendem, assim a rejeitar as novidades e as transformações, muito embora estas sejam, de fato, inevitáveis. Os ideais e as ilusões da estabilidade são, na verdade, ideologias que escondem as mudanças, sob suas regras seguras que oferecem aos membros adeptos a garantia da regularidade e da ordem de funcionamento.

Ao tratar da *sociologia das mutações religiosas* Roger Bastide, insiste que no

...caráter intencionalmente “conservador”, “imobilista” da religião, esse papel de freio ou de obstáculo erguido contra toda a mudança, as transformações e mutações das mentalidades, das estruturas, do social em todos os seus aspectos (...). Mais exatamente, a religião não nega a mudança, porém a considera unicamente como perda, ou regressão, em relação às origens, como enfraquecimento da dinâmica da Igreja, da vida interior dos homens, como arrefecimento do fervor das criações (2006, p. 112).

Nesta perspectiva, não se pode alimentar de ilusões de reformas imediatas e radicais em uma instituição milenar como a Igreja Católica; suas estruturas, regras e papéis foram instituídos para preservar sua verdade fundante de forma que todas as estratégias de mudança só podem justificar-se e ser operacionalizadas sob o signo da preservação.

Roger Bastide sugere dois tipos de mudanças nas instituições religiosas: a) aquela que nega a descontinuidade afirmando a continuidade: a mudança é, então, afirmada como *emergência* do que já estava contido desde as origens (caso emblemático da Igreja Católica), uma espécie de semente que germina e se torna planta; b) aquela que nega a continuidade sob o manto da ruptura radical: caso das seitas que rompem com as Igrejas nas quais se inseriam. Em ambos os casos o que termina por legitimar as transformações é a fidelidade às origens ou às fontes (2006, p. 120-123). As reformas em curso estão alinhadas ao primeiro tipo e buscam legitimar-se como continuidade daquilo que é mais fundamental, desvelando o que estava escondido. O papado é a continuidade personificada de uma tradição que liga o presente ao passado. Somente neste diapasão as reformas da Igreja poderão subsistir.

Portanto, toda reforma institucional constitui uma tarefa desafiadora para o grupo e, sobretudo, para o reformador. Ela será sempre acolhida pelo estafe dirigente defensor da preservação como perigo ou inutilidade. No caso católico, do segmento clerical virão as rejeições e as adaptações do novo no regime do velho. A assimilação constitui regularmente o mecanismo de acolhida do novo por meio de releituras (teóricas) que ressignificam os conteúdos e as adaptações (práticas) aos esquemas habituais. Por esta razão, o capítulo mais fundamental de uma mudança religiosa reside não propriamente nos textos e normas reformadoras adotados, mas, sobretudo, no processo de recepção quando eles são efetivados. Uma lei, norma ou ensinamento não funcionam automaticamente, mas exigem adesão, interiorização e reprodução no

conjunto do corpo institucional. É por esta razão que normas para serem praticadas costumam ser acompanhadas de sanções que punem seu descumprimento. A convicção, ao contrário, resulta da interiorização do novo como valor, donde podem vir mudanças nos comportamentos. Mais que por meio de decisões/promulgações legais, Francisco tem, de fato, praticado as reformas no campo dos ensinamentos que visam renovar as convicções, convencer, criar consensos entre os sujeitos eclesiais. É nesta perspectiva que o processo sinodal sobre a sinodalidade eclesial devolve ao conjunto do povo de Deus a possibilidade de discernimento e de construção do novo e traça rumos para a mudança da Igreja em seu *Documento final*. Os tradicionalistas de plantão rebaterão este projeto com todas as forças teóricas e políticas.

4. A persistência das reformas

O Papa Francisco já entrou para a história como personagem reformador do catolicismo. Para além do alcance real das reformas por ele anunciadas e empreitadas e que ainda se encontram em curso, sua personalidade papal nasceu e se consolidou com esta característica. Hoje, onze anos após seu aparecimento inesperado e suas posições reformadoras, pode-se pensar de forma mais objetiva o significado das promessas: os alcances e limites e, em certa medida, o saldo para a posteridade. O sonho de transformação geral da Igreja capaz de romper com a autopreservação (*Evangelii gaudium* (= EG) 27) revela hoje seu confronto com a realidade atual da Igreja que ainda assume em seus escalões dirigentes a autopreservação como postura principal. Na perspectiva de Bourdieu, a Igreja Católica é constituída por um corpo de sacerdotes e não de profetas. Enquanto Francisco sobreviver como Papa, ao que tudo indica, as reformas permanecerão como sonho, promessa e projetos; permanecerão atraindo entusiastas e reacionários em torno de sua personalidade e de suas propostas, sabendo que o tempo rotiniza os ideais mais vívidos, que a tradição assimila o novo em seu sistema estável e que a estrutura traga em sua estabilidade o carisma da renovação. Ademais, pela lei da biologia, Bergoglio vai limitando Francisco e a interrogação pela continuidade do espírito renovador e dos processos desencadeados se mostra legítima e inevitável. O que restará das reformas?

O legado reformador de Francisco é inegável. A cultura da reforma – a crítica legítima aos padrões e estruturas cristalizadas e a proposição do

novo – foi instalada na Igreja e pode ser vivenciada como novo clima e como processo desencadeado que busca os meios de concretização. A cultura da preservação que persiste e persistirá não é mais hegemônica; a pretensão de reformar a Igreja deixou de ser criminalizada. Com efeito, se muita coisa permanece como dantes, nada mais pode se apresentar como estabilidade indispensável e proibida de ser criticada pelo conjunto dos sujeitos eclesiais. A era da renovação está desencadeada, não obstante o corpo rígido da instituição estruturada na distinção entre poder sagrado e leigos e entre os preservadores *ex officio* e os reformadores emergentes. No âmbito cultural – das ideias e dos valores –, Francisco operou rupturas declaradas: a) com o tradicionalismo que adota modelos fixos do passado para entender e viver no presente; b) com o clericalismo que separa a Igreja entre os empoderados e os desempoderados; c) com o centralismo hierárquico que entende a hierarquia como única protagonista eclesial; d) com o eclesiocentrismo que considera a Igreja como detentora da salvação e dispensa as demais religiões do diálogo em busca da verdade; e) com o espiritualismo que desconsidera a dimensão social do Evangelho e esquece dos pobres; f) com doutrina rígida e imutável que desconsidera a vida e a história; g) com o individualismo que reproduz no bem-estar religioso imediato os mecanismos da sociedade consumista; h) com a diplomacia católica exercida sem profecia; i) com o pessimismo perante a sociedade e a cultura modernas; j) com o moralismo que em nome da norma universal desconsidera as situações concretas das pessoas; l) com a hipocrisia institucional que esconde os problemas existentes dentro da Igreja e, particularmente, da hierarquia; m) com o autoritarismo que controla a pluralidade interna da Igreja, de modo especial a reflexão teológica; n) com o reformismo que preserva o modelo capitalista com suas contradições intrínsecas.

Essas mudanças de valores e perspectivas rompem com o ponto de vista reinante na Igreja há séculos e que resistiu às próprias renovações conciliares. Na verdade, as reformas franciscanas devem ser engatilhadas na sequência e, em muitos aspectos, na “conclusão” dos propósitos e decisões conciliares (Scannone, 2019, p. 185-208). A era conciliar é, de fato, um jeito de ser Igreja em permanente *aggiornamento* e não uma solução de tipo doutrinal/canônica que congela novamente um regime e o torna imutável, como na cosmovisão anterior. Contra este espírito renovador resistem a estrutura da Igreja e os sujeitos tradicionalistas. A cosmovisão unitária, fixista e hierárquica da realidade

reside na alma da estrutura institucional católica e no corpo dos tradicionalistas (Passos, 2020).

A estrutura da Igreja, organizada sobre a regra do poder hierárquico e do poder centralizado e fundamentada na teologia do poder sacerdotal que separa clérigos e leigos e homens e mulheres, assenta sobre uma estabilidade que não somente dispensa as mudanças como as vê como perigosas à preservação da verdade revelada, encarnada na Igreja e por ela transmitida. O corpo eclesiástico católico organicamente estruturado constitui um sistema que por sua natureza resiste às mudanças e assenta-se sobre um núcleo imutável (do ponto de vista dogmático) por ligar-se diretamente a um fundamento cristológico. A percepção monista que vincula Cristo-Igreja cristaliza em seu mistério o que a história construiu posteriormente aos tempos apostólicos, de forma que retornar ao “coração do Evangelho” (EG 34) constitui não a tarefa desafiante de distinguir as origens e as construções históricas, mas, antes, de entender a história como renovação contínua e lugar onde a Igreja se faz permanentemente. O projeto da Igreja toda sinodal que se encontra em curso vai enfrentar este obstáculo dentro da longa e cristalizada cultura da estabilidade católica (Passos, 2023).

Os sujeitos tradicionalistas resistirão em blocos cada vez mais articulados – dos mais aos menos radicais – a tudo que exigir conversão da estabilidade em movimento, do poder em serviço, do isolamento em diálogo, da unidade em pluralidade, do conforto em despojamento. A ilusão de um modelo eclesial único e definitivo a ser perpetuado sem mudanças em todo tempo e lugar fundamenta e orienta os grupos tradicionalistas, os excluídos, os incluídos e os assimilados e dissolvidos em relação ao sistema católico.

A seu favor Francisco ainda conta com os incubadores da reserva utópica da mudança, dentro e fora da Igreja. Não obstante as diferenças que os separam, dos crentes aos ateus, todos continuarão vendo em Francisco um sinal e um farol para a busca de um mundo e de uma Igreja diferentes. Conta, ainda, com as evidências de uma realidade que clama por mudanças e, por isso, manterá seu magistério atual e vivo por tempo indefinível. A crise ecológica, as contradições inerentes ao capitalismo, as contradições da globalização, as tendências aos isolamentos com suas fobias, o consumismo, as defasagens da Igreja em relação aos valores modernos, o centralismo e clericalismo estruturais no sistema

católico permanecerão solicitando profetas capazes de anunciar um futuro que possa recriar os valores e as relações humanas. O magistério reformador franciscano permanecerá como fonte de inspiração e será fundamento para outros reformadores.

Considerações finais

As considerações finais sobre processos eclesiais são inevitavelmente provisórias. As reformas franciscanas se apresentam intencionalmente como processo em andamento. Ele próprio insiste nas posturas social e espiritual da paciência histórica que suporta a lentidão e as contradições. “O tempo é superior ao espaço” (EG 222) e a “unidade prevalece sobre o conflito” (EG 226). As reformas assim situadas se inserem numa perspectiva que exige realismo e estratégia, quando é melhor perder agora e ganhar no futuro. É verdade que as mudanças institucionais pressupõem mudanças nas convicções e, por conseguinte, nas adesões dos sujeitos. A recepção do Sínodo poderá agregar sujeitos no conjunto da Igreja e provocar reformas nas Igrejas locais e na Igreja como um todo. A Igreja Católica permanece novamente na rota da reforma, conforme o princípio do *aggiornamento* conciliar. A recepção da renovação da vida eclesial está posta em marcha no processo sinodal de forma a envolver, de agora em diante, o conjunto dos sujeitos eclesiais, para além dos intentos e projetos do Papa. A década do pontificado reformador – da *Evangelii gaudium* ao último Sínodo – já ensinou, mais uma vez, que estamos inseridos em uma instituição milenar de história lenta, onde toda reforma padece da mesma lentidão e pode também ser estagnada, a depender da recepção que for feita. Realismo e esperança são virtudes parceiras na jornada da Igreja, sempre peregrina na história.

As reformas empreitadas pelo Papa Francisco avançaram nas três frentes, porém com um claro foco na mudança cultural (nas ideias, nos valores e nas convicções). No *ethos* católico, esta estratégia adquire um reforço maior, quando o ensinamento papal é apresentado na forma de magistério. Neste sentido, os propósitos de reforma estão hoje oferecidos como possibilidade, mas, antes de tudo, apresentados como normativos para toda a Igreja. O que era tabu e visto como perigo tornou-se hoje norma a ser recepcionada pelos católicos. Os católicos conservadores foram expulsos do paraíso da imutabilidade onde abitam na companhia segura de Deus durante as tempestades que ameaçam a vida planetária e a coerência

evangélica da Igreja. É somente no território já conhecido, já vivenciado por séculos e bem fundado nas ideias eternas que se pode enfrentar as crises. Das proposições novas só podem vir riscos e dissoluções.

Se o tradicionalismo oferece segurança e estabilidade, o Evangelho provoca instabilidade e exige reforma permanente da Igreja. Do coração do Evangelho brota a reforma inadiável da Igreja e sua missão profética na proteção da vida no planeta, de empatia com os pobres e sofredores e de diálogo com as diferenças. No coração do Evangelho reside a carne assumida pelo divino e não uma ideia fixa e universal identificada com um modelo institucional único, fixo e imutável. A carne viva e mutável é o lugar onde o Deus que se esvaziou se revela e convoca à empatia e solidariedade. A ideia fixa, universal e eterna foi rejeitada pelo cristianismo como falsa promessa de salvação e como o anticristo (1Jo 4,1-3) por negar a encarnação do Verbo. Francisco insiste que “a realidade é mais importante do que a ideia” (EG 231-233). A realidade é o lugar da experiência da fé e o ponto de partida e de chegada da reflexão da fé, no exercício permanente do discernimento dos *sinais dos tempos* (*Gaudium et spes*, 4, 11 e 44).

Entre o Evangelho e o mundo a Igreja encontra seu lugar de sinal e de servidora e, neste posicionamento, renova-se sem cessar. Ninguém poderá soterrar esta fonte com suas potencialidades renovadoras inesgotáveis, após o passageiro pontificado franciscano.

Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre “nova” (EG 11).

Referências

BASTIDE, R. *O sagrado selvagem e outros escritos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CASTELLS, M. *O poder da comunicação*. São Paulo: Paz e terra, 2015.

- CHIRON, Y. *Françoisphobie*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2020.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. In: VIER, F. (org.). *Compêndio do Vaticano II*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FAGGIOLI, M. *Vaticano II: a luta pelo sentido*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- LIBANIO, J.B. *A volta à grande disciplina*. Reflexão teológico-pastoral sobre a atual conjuntura da Igreja. São Paulo: Loyola, 1983.
- OAKESHOTT, M. *Conservadorismo*. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.
- PASSOS, J.D. *A força do passado na fraqueza do presente: o tradicionalismo e suas expressões*. São Paulo: Paulinas, 2020.
- PASSOS, J.D. *Obstáculos à sinodalidade: entre a preservação e a renovação*. São Paulo: Paulinas, 2023.
- SCANNONE, J.C. *A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Por uma Igreja sinodal, comunhão, participação, missão (Documento final)*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2025.

Artigo recebido em: 16 dez. 2024

Aprovado em: 13 mar. 2025